

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL**

ANDRESSA KOTZ

VOZES E VIVÊNCIAS FEMININAS: UMA ANÁLISE DE *NIKETCHE*

CERRO LARGO

2022

ANDRESSA KOTZ

VOZES E VIVÊNCIAS FEMININAS: UMA ANÁLISE DE *NIKETCHE*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Espanhola.

Orientador: Prof. Dr. Demétrio Alves Paz

CERRO LARGO

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Kotz, Andressa
VOZES E VIVÊNCIAS FEMININAS: UMA ANÁLISE DE NIKETCHE
/ Andressa Kotz. -- 2022.
29 f.

Orientador: Professor Doutor Demétrio Alves Paz

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo,RS, 2022.

1. Literatura moçambicana. 2. Paulina Chiziane. 3.
Representações femininas. I. Paz, Demétrio Alves,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

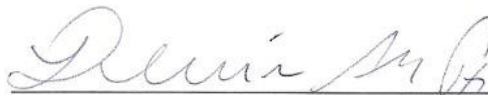
ANDRESSA KOTZ

VOZES E VIVÊNCIAS FEMININAS: UMA ANÁLISE DE NIKETCHE

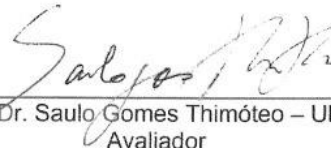
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Espanhola.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 17/08/2022.

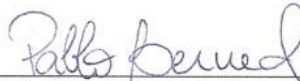
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Demétrio Alves Paz – UFFS
Orientador



Prof. Dr. Saulo Gomes Thimóteo – UFFS
Avaliador



Prof. Dr. Pablo Lemos Berned – UFFS
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus dois heróis, meu pai Laudelino e minha mãe Elisete, que sempre estiveram comigo, me apoiando e incentivando em todos os momentos, vocês são a minha base.

Agradeço ao meu orientador, Demétrio Alves Paz, por todo o auxílio, dedicação e paciência durante toda a minha pesquisa. Agradeço também, por me apresentar a literatura afro-brasileira, as literaturas africanas de língua portuguesa e, conseqüentemente, a escritora Paulina Chiziane, me possibilitando conhecer obras maravilhosas e fundamentais para o meu caminhar durante a faculdade.

Sou grata ao meu namorado Jéder, por sempre me apoiar e motivar, vivendo e comemorando cada vitória minha, te admiro muito.

Meu muito obrigada também, a todos os meus amigos, de infância e de faculdade: Tânia, a minha dupla para sempre, Fernanda, Adrieli, Marcieli, Adriane, Jéssica, Letícia, Fernando e Mariana. Vocês foram essenciais em todo esse processo, estando comigo nos momentos difíceis e felizes. Vou levar comigo cada momento compartilhado, conversas, risadas e choros.

Agradeço e dedico este trabalho, a minha amiga Maira, que partiu tão cedo, uma pessoa muito importante para mim durante todos esses anos de faculdade, obrigada por tudo, nunca lhe esquecerei.

Por fim, agradeço a todos os professores que estiveram comigo nessa caminhada, todos foram fundamentais para a minha formação.

RESUMO

O presente trabalho analisa a obra *Niketche*, de Paulina Chiziane com o objetivo de perceber as diferentes representações femininas. Primeiramente, temos a apresentação da condição das mulheres na sociedade moçambicana, marcada pela violência e submissão e, posteriormente a reflexão sobre as diferentes culturas e tradições, observando as características de cada personagem. Toda a análise baseia-se na leitura de artigos e obras críticas de especialistas sobre o livro *Niketche*, a escritora Paulina Chiziane e a literatura feminina moçambicana, como Oyèrónké Oyèwùmí (2021), Silva, Oliveira e Pereira (2018), Mattia (2020), Santos (2016), que fundamentam as análises sobre a as vivências e condições das mulheres. Nas análises, temos a divisão por assuntos principais, a primeira parte consiste na análise das vozes e vivências femininas que estão presentes na obra, abordando a literatura moçambicana e a força da mulher ao ganhar voz no decorrer da história. A segunda faz referência a mudança do silenciamento a vocalização das mulheres, apresentando a situação precária e abusiva em que elas estão sujeitas e como a união de todas as personagens muda a vida delas. Posteriormente, temos a divisão de Moçambique, o norte e sul, analisando os personagens do livro, com suas diferentes culturas e tradições e, por fim, o patriarcalismo e o sistema poligâmico, uma herança de anos marcada na sociedade. Nesse sentido, busca-se a reflexão sobre a condição da mulher, protagonista na obra de Paulina Chiziane, pois expõe a realidade de muitas que vivem cercadas por tradições e costumes que interferem em suas vidas. Em *Niketche*, as personagens retratam a cultura de Moçambique de forma marcante: as características de cada região e a submissão das mulheres aos homens. No decorrer da história, elas saem do silenciamento conquistando a sua voz perante a sociedade e adquirindo a independência afetiva e financeira.

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Paulina Chiziane. Representações femininas. Silenciamento a vocalização. Culturas nortistas e sulistas.

RESUMEN

El presente trabajo analiza la obra *Niketché*, de Paulina Chiziane con el objetivo de percibir las diferentes representaciones femeninas. Primeramente, tenemos la presentación de la condición de las mujeres en la sociedad mozambiqueña, marcada por la violencia y sumisión y, posteriormente, la reflexión sobre las diferentes culturas y tradiciones, observando las características de cada personaje. Todo el análisis se basa en la lectura de artículos y obras críticas de especialistas sobre el libro *Niketché*, la escritora Paulina Chiziane y la literatura femenina mozambiqueña, como Oyèrónkè Oyěwùmí (2021), Silva, Oliveira e Pereira (2018), Mattia (2020), Santos (2016) que fundamentan los análisis sobre las vivencias y condiciones de las mujeres. En los análisis, tenemos la división por asuntos principales, la primera parte consiste en el análisis de las voces y vivencias femeninas que están presentes en la obra, abordando la literatura mozambiqueña y la fuerza de la mujer al ganar voz en el transcurso de la historia. La segunda hace referencia al cambio del silenciamiento a la vocalización de las mujeres, presentando la situación precaria y abusiva en que ellas están sujetas y como la unión de todos los personajes cambia sus vidas. Posteriormente, tenemos la división de Mozambique, el norte y el sur, analizando los personajes del libro, con sus diferentes culturas y tradiciones y, por último, el patriarcalismo y el sistema poligámico, una herencia de años marcada en la sociedad. En ese sentido, se busca la reflexión sobre la condición de la mujer, protagonista en la obra de Paulina Chiziane, pues expone la realidad de muchas que viven rodeadas por tradiciones y costumbres que interfieren en sus vidas. En *Niketché*, los personajes retratan la cultura de Mozambique de forma llamativa: las características de cada región y la sumisión de las mujeres a los hombres. En el transcurso de la historia, salen del silencio conquistando su voz ante la sociedad y adquiriendo la independencia afectiva y financiera.

Palabras clave: Literatura mozambiqueña. Paulina Chiziane. Representaciones femeninas. Silenciamiento a la vocalización. Culturas norteñas y sureñas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 VOZES E VIVÊNCIAS FEMININAS.....	10
3 DO SILENCIAMENTO A VOCALIZAÇÃO DAS MULHERES.....	15
4 MOÇAMBIQUE: NORTE E SUL.....	18
4.1 MULHERES SULISTAS: RAMI E JULIETA	19
4.2 MULHERES NORTISTAS: LUÍSA, SALY E MAUÁ SUALÉ	21
5 PATRIARCALISMO E POLIGAMIA: TONY	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo analisar a obra *Niketché*, de Paulina Chiziane. A autora nasceu em Moçambique em 04 de junho de 1955, em Manjacaze, uma vila rural do país. No ano de 2021, foi a vencedora do Prêmio Camões, mais prestigiado em Língua Portuguesa, sendo a primeira escritora africana a ganhá-lo.

Lançado em 2002, o romance apresenta reflexões sobre a condição da mulher na sociedade moçambicana, sendo a mais conhecida da autora. O enredo de *Niketché* é marcado não só pela denúncia do silenciamento das mulheres, mas também pelos abusos advindos do patriarcalismo: as opressões e as violências contra as mulheres moçambicanas (e por associação às africanas e negras). Além da crítica, a narrativa apresenta os conflitos entre religiões, por meio da presença da poligamia e da divisão cultural em Moçambique: Norte e Sul.

O livro não conta a história de um homem, apesar de ele ser o cerne da narrativa. Ele é narrado por uma mulher, Rami, visto que as personagens femininas podem narrar suas histórias e, assim, tornarem-se agentes responsáveis por suas vidas. Silva, Oliveira e Pereira (2018, p. 36) ressaltam

[...] que o gênero feminino é um tema intensamente debatido na obra. Rami, a protagonista se questiona sobre sua própria situação de mulher. Assuntos como o matrimônio, trabalho, o ambiente da mulher interno à sociedade, a posse masculina sob a fragilidade feminina são profundamente discutidos pela fala de Rami e, bem como, pelas outras mulheres de Tony.

Por meio de Rami, a personagem principal e narradora, conhecemos o marido infiel, Tony, sulista de origem machangana e as outras mulheres: Julieta, Luísa, Saly e Mauá Sualé. Paulina Chiziane, por ser mulher, africana e negra, apresenta aos leitores a realidade de muitas mulheres, que a cada dia são silenciadas, sufocadas e violentadas. A intenção da autora, assim compreendida, é representar o papel da mulher na sociedade em que ela vive.

Ao descobrir as traições e conhecer as outras mulheres do marido, Rami nos apresenta as diferentes culturas de Moçambique. Em razão disso, entramos no mundo dos ritos de iniciação e morte, lobolo, patriarcalismo, magias de amor, a história da princesa Vuyazi e a purificação sexual, o kutchinga.

A herança patriarcal deixada pelos colonizadores portugueses interfere na

liberdade e na relação familiar das mulheres moçambicanas. Ser do Sul ou do Norte de Moçambique possui particularidades, de modo que Paulina Chiziane, em sua obra, aponta essas questões. No Norte, há a cultura patriarcal, com o domínio do homem em todas as esferas, com a presença de violência contra a mulher. Já no Sul, as mulheres são controladas por não terem independência econômica, resultado também do sistema patriarcal.

Ao pesquisar sobre a situação feminina, as violências, as diferentes culturas, os costumes, objetiva-se mostrar como muitas questões ainda estão presentes na sociedade moçambicana, reiterando que a luta das mulheres necessita continuar, em busca de seu lugar na sociedade. Em seu livro, Paulina Chiziane tem, entre outros objetivos, de mostrar que as mulheres podem conquistar o que querem, ter a sua independência, não dependendo de homens, ser donas de suas vidas, com força e capacidade para superar os problemas, além de compreender o fato de que unidas são mais fortes.

Niketche apresenta muitas reflexões fundamentais para entender a vivência de muitas mulheres, observar as diferenças entre as culturas e como isso afeta na vida das pessoas, principalmente na das mulheres. Todas estas questões serão abordadas no decorrer deste trabalho, apresentando a conquista de voz da mulher.

2 VOZES E VIVÊNCIAS FEMININAS

Para auxiliar na análise da obra, foram utilizados livros, capítulos de livros, artigos, ensaios e entrevistas que abordaram a obra de Paulina Chiziane. No artigo “Na dança de *Niketche*: Representações da mulher na ficção de Paulina Chiziane”, Juliane Amaro Silva, Genilson da Silva Oliveira e Patrícia Guimarães Pereira (2018, p. 33) apontaram que, a partir de 1970, as mulheres se lançaram na literatura em Moçambique e, dessa forma, elas reivindicavam os seus direitos e também denunciavam situações de vivência por meio da escrita. Paulina Chiziane é uma dessas escritoras que se opôs aos tabus sociais, com uma escrita marcada pela condição feminina dentro da sociedade moçambicana.

A literatura moçambicana surge no período colonial e é uma literatura relativamente recente, os escritores possuem, dentre vários outros, o propósito de valorizar a cultura do país e apresentar algumas de suas vivências. A literatura contemporânea vem ganhando destaque com obras de mulheres, que denunciam as violências provindas do patriarcalismo, visto que lutam e reivindicam seus direitos, em busca de igualdade.

Nesse meio, emerge o “eu” moçambicano, com a representação de uma literatura real, valorizando a cultura de Moçambique. Nesta produção literária, os autores se preocupam com escrever sobre a identidade do seu povo, colocando em discussão pontos como raça, religião, gênero, tradições e a cultura. A escritora Paulina não se considera uma romancista, mas uma contadora de histórias, apresentando ao leitor diversas representações culturais e históricas da sociedade moçambicana.

Segundo Lourenço do Rosário, em seu livro “*Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura*”:

Em *Niketche*, notamos igualmente uma tendência literária intimista utilizada pelas correntes autobiográficas do tipo diário e as epistolares muito em voga, na segunda metade do século XIX, na Europa, principalmente na literatura feminina. É através deste virar o olhar para dentro que Paulina nos leva às diversas paragens do tempo da história, não para descrever cenários exteriores, mas sim para pintar estados da alma e definir visões filosóficas sobre o ser. O que é a dor, o que é a mulher, para que serve o casamento, porque nasce o homem. O que é o destino, como se mede o sofrimento, são entre outros, tantas buscas, verdadeiros momentos de reflexão, que fazem quase esquecer que estamos lendo um romance, com uma história que está a ser contada. (ROSÁRIO, 2010, p. 148).

Portanto, a literatura de Moçambique se constitui a partir da tradição oral, perpassando da oralidade para manifestar experiências e elementos identitários. Chiziane faz parte desta literatura oral, explorando a condição feminina, analisando suas próprias vivências, como também de várias outras mulheres que a cercam. Em suas obras, Paulina, apresenta os conflitos existentes na sociedade, como a subordinação e a tradição do patriarcado e são estas questões que estão em discussão na obra *Niketche*.

Na obra a ser analisada, é importante inicialmente, a compreensão do sentido de *Niketche* que está presente no livro:

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do *niketche*. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o *niketche* é sensualidade perfeita, rainha de toda sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom. (CHIZIANE, 2021, p. 139).

Niketche é a dança do amor, é a afirmação das meninas para o mundo de que elas estão prontas para a vida, que já são mulheres. Segundo Silva, Oliveira e Pereira (2018, p. 35), o romance *Niketche* apresenta Moçambique com base nas heranças que foram deixadas pelos colonizadores portugueses, o que proporciona ao leitor uma melhor observação sobre a representação feminina, a mulher moçambicana na sociedade, o espaço e a relação familiar delas.

Em seu artigo, “Eu, mulher: A visão de Paulina Chiziane de um mundo para mulheres”, Marie Claire de Mattia (2020, p. 174) aponta que, em sua obra, Chiziane propõe aos leitores um questionário, uma lista de perguntas para se refletir sobre as injustiças da sociedade, sobre a normalização das durezas e asperezas que são vivenciadas por grande parte das mulheres, marcadas pelo sistema patriarcal. Maria Geralda de Miranda (2010, p. 69) reforçou que as personagens de Paulina Chiziane são “forjadas” e “temperadas” na e pela dor, e isso nos faz pensar nos atos desenvolvidos pelas personagens, que representam os sofrimentos e as angústias das mulheres moçambicanas.

Em seu artigo, Marie Claire de Mattia (2020, p.180) também aponta que Chiziane cria espaços para que sua voz seja ouvida e consiga representar as

vivências difíceis. Dessa forma, a sua escrita se alimenta com as experiências e narrações de outras mulheres, as experiências que elas tiveram como, por exemplo, violências sexuais.

Niketche: uma história de poligamia é narrada em primeira pessoa pela personagem principal, Rami, casada com Tony. Ela sempre fez as vontades e atendeu as necessidades dele, fazendo de tudo para agradar seu marido. Com o tempo, ela percebe que Tony está afastado e a deixou sozinha com seus filhos. O enredo gira em torno das traições, do abandono e maus tratos dele com suas quatro companheiras/amantes: Julieta, Luísa, Saly e Mauá. Em um primeiro momento, Rami se desespera, sente raiva de seu marido e das outras mulheres:

- Traição é crime, Tony!
 - Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami. (CHIZIANE, 2021, p. 27).

No sistema patriarcal e poligâmico, retratado na obra, as mulheres eram subalternas aos homens e somente eles podiam ter mais de uma mulher, sem ser julgados.

No trabalho “Cultura e posicionamento político: a narrativa *Niketche*, de Paulina Chiziane, e o papel reflexivo da obra”, os autores Hellen Botton Gandin, Elisângela Bertolotti e Ana Paula Teixeira Porto (2021, p. 55) descrevem que é possível perceber na obra a rivalidade das duas regiões, o Norte e o Sul, marcado pelas diferenças nas vivências dos homens e mulheres, pois o Norte de Moçambique não possui tantas marcas da colonização. Ao escrever sobre Moçambique, Edna de Paula Ambrósio (2018, p. 23) apontou que a poligamia é mais praticada no Norte, porém, no Sul, apesar de seguirem costumes cristãos, também há a tradição da poligamia.

No romance, há vários aspectos que apresentam essas diferenças entre as culturas e costumes das regiões de Moçambique:

As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo, em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa fraternidade, dome com a minha mulher esta noite. No sul, o homem diz: a mulher é meu gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta. No norte, as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga,

imitando os estrondos da trovoada. Usam o lenço na cabeça sem arte nem beleza, como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas. (CHIZIANE, 2021, p. 33).

Rami pertence à cultura do Sul de Moçambique e ela vê essas diferenças e se sente inferior às mulheres do Norte, por seu marido manter relações extraconjugais com mulheres daquela região. Por considerá-las mais belas e ajeitadas, Rami não se acha boa o suficiente para seu marido.

Ao decorrer da obra são apresentados vários episódios de violência contra a mulher, marcados pelos abusos e abandono. Segundo Rodolfo Moraes Farias e Vanessa Rimbau Pinheiro (2020, p. 295), “Num mundo em que aos homens tudo é dado, e às mulheres resta apanhar os cacos do coração, o lamento funciona como cantiga de consolo para expurgar a dor que as consome por dentro”. As mulheres vivem em uma sociedade marcada pela violência contra elas, no livro é possível encontrar relatos marcados por esses atos, que estavam muito presentes na cultura de Moçambique, mas que ainda são uma realidade:

Quando o movimento declina, as mulheres sentam-se em roda, comem a refeição do dia e falam de amor. Um amor transformado em ódio, em raiva, em desespero, em trauma. Fui violada sexualmente aos oito anos pelo meu padrasto, diz uma. O teu caso foi melhor que o meu. Eu fui violada aos dez anos pelo meu verdadeiro pai. Ganhei infecções e perdi o útero. Não tenho filhos, não posso ter. Eu casei-me, diz outra. Fui feliz e tive três filhos. Um dia, o meu marido saiu do país à busca de trabalho e não voltou mais. Eu levava muita pancada, diz a outra. Ele trancava-me no meu quarto com os meus filhos e dormia com outras no quarto do lado. Fui violada por cinco, durante a guerra civil, diz a outra. Este filho bonito que tenho nas costas nem sei de quem é. Cada vez que olho para esta pobre criatura, recordo-me daquele momento horrível em que pensava que ia morrer. A minha mãe morreu nos meus braços, diz outra. Foi espancada de uma forma brutal pelo meu pai e morreu a caminho do hospital. A partir dali nunca mais quis ver homem à minha frente. (CHIZIANE, 2021, p. 103-104).

Muitas mulheres são violentadas em razão do machismo que está impregnado na cultura de todos os países, pois há a ideia de que elas devem somente satisfazer os homens, que acreditam ter a posse da mulher, querem controlá-las. Áurea Regina do Nascimento Santos (2016, p. 67) aponta que, em *Niketché – uma história de poligamia*, é relatada a história das mulheres que são silenciadas. Conforme Santos (2016, p. 67), “Através do cotidiano, elas ouvem e sentem a sensação do Eu individual, da mulher que se torna um Eu coletivo, através das mulheres de Tony.” Todas as mulheres do livro compartilhavam das mesmas dores, do mesmo abandono, isso é o que as une: o sofrimento dá voz a cada uma, que acredita em mudanças. Rami é a

voz que une todas e as ajuda a conquistar, individualmente, o seu espaço na sociedade, a sua independência econômica e emocional. As mulheres, ao terem voz, exigem mudanças sociais, ainda mais se compreenderem que unidas sempre serão mais fortes.

James Rios de Oliveira (2017, p. 50), em seu trabalho “A Mulher sob o Jugo do Homem: Aspectos da Opressão Patriarcal no Romance *Niketche: Uma História de Poligamia*, de Paulina Chiziane” mostrou que a autora deu voz à protagonista, para ela expressar suas emoções, anseios e inseguranças. Em um desses momentos, Rami demonstra a sua lucidez em relação ao espaço que o homem ocupa no meio social: a existência da dominação masculina. Ao se dar conta de todos os acontecimentos, ela percebe o seu valor e sua capacidade de viver livremente.

3 DO SILENCIAMENTO A VOCALIZAÇÃO DAS MULHERES

As mulheres, com o passar dos anos, estão conquistando espaços na sociedade. Segundo Pedro e Guedes (2010, p. 5) as mulheres lutam pela libertação “das amarras de um senso moral construído pela cultura machista, cristalizada durante séculos”. Os autores destacam também que “não é apenas pela igualdade econômica e política que as mulheres conquistam seu espaço, mas são, também, na construção de uma sociedade livre de relações preconceituosas e discriminações” (PEDRO; GUEDES, 2010, p.5). O homem sempre foi posto como superior, sendo a mulher vista como subalterna a ele.

Esta é uma questão cultural de milhares de anos, na qual a mulher é propriedade do homem, dona de casa e sem garantia de direitos, mas as mulheres estão em luta pela liberdade, pelo respeito. Diante disso, Paulina Chiziane, em seu livro *Niketche*, apresenta a história de mulheres moçambicanas silenciadas por questões repressivas coloniais e pós-coloniais, de modo que:

A autora revela a não conformidade com a situação da mulher na sociedade moçambicana e o desejo de mudança dessa posição, de mostrar o valor e importância da mulher no quadro cultural do seu país. (MENDES; SANTOS, 2016, p.98).

No enredo da obra, há uma série de acontecimentos que irão marcar algo difícil de se concretizar: a vocalização das mulheres. Após anos de sofrimento, abusos, subalternização, Chiziane apresenta uma obra marcada por conquistas femininas, o que traz a compreensão da importância da escrita. Para Mendes e Santos (2016, p. 52) “A escrita pode ser entendida como uma estratégia de poder, desenvolvida pelas mulheres no enfrentamento de situações em que as relações de gênero contribuem para a opressão feminina”.

Em sua narrativa, Paulina demonstra a realidade de várias mulheres que vivem em situações precárias de abuso e de objetificação. Dessa forma, Chiziane apresenta o silenciamento da mulher por não ter seus direitos considerados, submetendo-se ao sistema patriarcal, devendo obediência ao marido. Do mesmo modo, no decorrer de sua narrativa, a autora usa do poder de sua escrita para modificar um pouco do que ela presencia na sociedade, utilizando da obra para mostrar as mulheres a força que elas tem dentro de si:

A Saly desprende da alma um sentimento doce, que corre ao vento com fluidez de mel. Declama. Suspira:
 - As mulheres, de mãos dadas, podem mudar o mundo, não é, Rami?
 - Sim – intervém a Mauá sorridente -, com a força da Rami conseguimos mudar o curso do nosso destino. Obrigada, Rami. (CHIZIANE, 2021, p. 252).

Niketche traz a história de Rami, uma mulher cansada de sofrer por seu marido (que vive em relações poligâmicas) em busca da liberdade em sua vida. Situações como abusos, ausência e a dependência emocional e financeira do marido foram aos poucos deixando Rami sem voz frente a sociedade, que já a julgava por ser mulher, por este mesmo motivo, deveria servir de joelhos ao seu companheiro e aceitar as relações amorosas que o homem compartilhava.

Por consequência, todos estes acontecimentos levaram a personagem principal do livro a enfrentar os seus medos e angústias, assim como a conhecer cada uma das outras mulheres de Tony. Ao perceber que todas compartilhavam das mesmas dores e sofrimentos, ocorre um processo de unificação entre elas, que deixam de se ver como adversárias para transformarem-se em companheiras de luta na busca de uma vida mais igualitária.

Após o processo de união das mulheres no livro, é perceptível o poder de cada uma delas, com conquistas econômicas e o abandono da dependência emocional. Ao descobrirem que elas também podem ocupar espaços importantes na sociedade e ao lutarem por eles, as companheiras de Tony se tornaram pessoas independentes, com voz, que não se cansam de buscar os seus direitos e sua felicidade, tal como diz Rami:

Levanto os olhos e contemplo o mundo. Num canto, as mulheres juntam-se em roda e as suas vozes explodem num majestoso canto. As ondas de som sobem de tom e serpenteiam no céu como cavalos selvagens. Esperanças, forças e alegrias brotam do suave canto e caem sobre a terra num dilúvio de flores. A minha dor se transforma em alegria, num lance de magia. (CHIZIANE, 2021, p. 253).

A preocupação central na obra de Paulina é a situação da mulher, relatando essas dores, a infelicidade, a submissão aos homens, demonstrando, dessa forma, que a mulher ainda não conseguiu a sua independência, mas está em busca dela através de lutas. A narradora vai dar voz a todas as personagens para falarem de seus sentimentos, angústias, sonhos e preocupações.

Aos poucos, a submissão dessas mulheres aos homens foi dando espaço a conquistas femininas, como deixarem de ser apenas donas de casa para terem seu próprio negócio e sustento. Dessa forma, elas se tornaram agentes responsáveis por

suas vidas, pois unidas conseguem mudar as suas realidades.

Rami foi a responsável por todos esses fatos. A descrição da vida dela é uma forma das mulheres refletirem sobre os seus lugares na sociedade, entre a sua família. Chiziane, com a sua escrita retrata um apelo para que as mulheres moçambicanas não fiquem mais caladas, e sim, busquem e expressem sua voz.

4 MOÇAMBIQUE: NORTE E SUL

Durante a narrativa da obra, é apresentado o território moçambicano, dando ênfase na cultura, tradições e crenças da população nortenha e sulista. Paulina vai apontar as diferenças que marcam essas regiões, mostrando a diversidade cultural, a situação a qual se encontra a sociedade e os problemas oriundos da colonização.

No que diz respeito às mulheres, algumas questões são iguais entre as regiões, como por exemplo, servir ao homem, desde a alimentação ao sexo, o trabalho doméstico e a obediência. Tony, o homem da história, se relaciona com cinco mulheres, com características distintas, e Rami busca a conhecer cada uma delas:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira-dama, a rainha-mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda-dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira-dama. A Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. (CHIZIANE, 2021, p. 52).

Todas as mulheres possuem características e detalhes distintos que atraíram Tony, marcando as diferenças entre elas: a superioridade e a inferioridade. A escritora Oyèrónké Oyěwùmí (2021, p. 27) em seu livro “*A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*” descreve que quem é visto diferente, possui um corpo diferenciado, é visto como alguém inferior e isso é utilizado para explicar a sua posição social e as suas crenças.

Tony observa os corpos. Para ele, as mulheres são como objetos, no livro é apresentado que cada corpo feminino possui uma função:

– A Mauá é o meu franguinho – diz –, passou por uma escola de amor, ela é uma doçura. A Saly é boa de cozinha. Por vezes acordo de madrugada com saudades dos petiscos dela. Mas também é boa de briga, o que é para relaxar os meus nervos. (...) A Lu é boa de corpo e enfeita-se com arte. Irradia um magnetismo tal que dá gosto de andar com ela pela estrada a fora. Faz-me bem a sua companhia. A Ju é o meu monumento de erro e perdão. É a mulher a quem mais enganei. (...) Da Rami? Nem vou comentar. É a minha primeira dama. Nela me afirmei como homem perante ao mundo. (CHIZIANE, 2021, p. 121).

Ao conhecer cada uma das outras mulheres, Rami apresenta as diferenças culturais de Moçambique, como as práticas religiosas, familiares, o lobolo, o rito de iniciação, a poligamia, entre outras. Algumas destas questões são apresentadas quando a personagem principal vai consultar com uma conselheira do amor:

No norte, sem os ritos de iniciação não és gente, és mais leve que o vento. Não te podes casar, ninguém te aceita e, se te aceitar, logo depois te abandona. Não podes participar em nenhum funeral dos teus pais ou dos teus próprios filhos. Não podes aproximar-te de nenhum cadáver, porque não tens maturidade, és ainda criança. Todo o filho que, por acidente, nasce antes dos ritos dos pais, é considerado lixo, impureza, inexistente. Os ritos de iniciação são como o batismo cristão. Sem batismo todo o ser humano é pagão. Não tem direito ao céu. No sul, homem que não lobola sua mulher perde o direito à paternidade, não pode realizar o funeral da esposa nem dos filhos. Porque é um ser inferior. Porque é menos homem. Filhos nascidos de um casamento sem lobolo não têm pátria. Não podem herdar a terra do pai, muito menos da mãe. (CHIZIANE, 2021, p. 42).

Desta forma, podemos perceber a multiculturalidade, na qual no Norte a estrutura familiar é marcada pelas tradições do povo macua, como é retratada a vida de Mauá Sualé, com os ritos de iniciação e preparação para o casamento. Já no Sul, há o lobolo, com pagamento de dote para a família da noiva. Nesta região as mulheres são preparadas para os cuidados com a família, trabalho doméstico, devendo submissão e atenção ao seu marido.

No continente africano algumas tradições ainda se fazem presente, como a poligamia. Rami que é uma mulher do Sul, vive cercada pela cultura cristã, por isso sofre tanto com as traições, pois ela vê a relação poligâmica como atos imorais. Ao descrever esse círculo poligâmico, Chiziane apresenta a cultura de seu país, e este fato colabora para que as mulheres sejam reféns de violência e inferiorização. A história é marcada pelas mulheres sulistas e nortistas, que, com suas diferenças, vão compondo o enredo e os conflitos existentes.

4.1 MULHERES SULISTAS: RAMI E JULIETA

Rosa Maria, conhecida como Rami, é sulista e esposa de Tony, mulher dedicada e fiel ao seu marido poligâmico. No início da obra, Rami é representada em sua solidão, pois seu marido não se faz presente diariamente, sendo os seus filhos a sua única companhia. Vive na insegurança e sem auto estima pensando no abandono, não se sente mais realizada e desejada, o que faz com que a sua vida seja baseada em momentos de tristeza.

A personagem, ao se olhar no espelho, questiona o que lhe está acontecendo, observa seu corpo de quarenta anos e não se acha bela para ganhar de suas concorrentes. O espelho é seu companheiro, com quem desabafa e vê no reflexo uma

mulher sofrida, cansada de chorar pelo abandono.

Antes de se casar, Rami aprendeu os costumes sulistas, foi-lhe ensinado a cozinhar, bordar e ter boas maneiras, para sempre servir bem o seu marido. As mulheres sulistas são mais obedientes, submissas e dedicadas aos seus maridos, aceitando caladas todas as obrigações e humilhações.

Concomitante a isso, Rosa já estava acostumada a servir ao seu marido, pois foi criada por sua família a ser uma mulher amável e submissa, mas chega um ponto na história em que ela não aguenta mais e busca soluções. Em Moçambique, as mulheres buscam por conselheiras do amor a procura de ajuda. Ao descobrir que Tony possui várias amantes, Rami vai aderir a magias, banhos especiais e tatuagem íntima, tudo com o intuito de reconquistar seu marido, mas todas estas tentativas falham.

Apesar de todo o sofrimento, a esposa de Tony quebra os costumes de sua família, que não lhe apoiava, mas a culpava pelo abandono. Ela acaba unindo-se às outras mulheres de Tony e juntas mudam as suas realidades, de mulheres submissas a seres independentes. Rami mostra-se uma mulher de força e coragem.

A segunda mulher de Tony, a primeira amante, é Julieta, descrita como uma pessoa bonita. Ao contrário de Rami, que é proibida pelo marido de se cuidar, maquiar, usar adornos e artifícios, Julieta é apresentada como uma mulher cuidada, com unhas pintadas, pele hidratada, usando adornos. Tony não permite com que a sua esposa se vista bem, com decotes, mas a sua amante se veste com roupas decotadas e este fato vai indignar Rosa, porém:

Começamos a falar. Friamente. Delicadamente. A minha rival abre-se e conta-me a sua longa história. A sua cama é fria como a minha. Vive numa solidão pior do que a minha. Tem cinco filhos como eu e agora espera o sexto. (CHIZIANE, 2021, p. 21).

Julieta também é uma mulher que vive na solidão, abandonada para cuidar sozinha de seus filhos, pois Tony lhe dá apenas o sustento. Ela é vista como um objeto usado para reproduzir, recebendo visitas do seu homem que vem apenas para a engravidar. Ela sempre lhe foi fiel, sonhava em tê-lo como esposo, casada no altar e de véu. Mulher enganada, sofrida, que viveu as dores do amor:

No Sul as mulheres são exiladas no seu próprio mundo, condenadas a morrer sem saber o que é amor e vida. No Sul as mulheres são tristes, são mais escravas. Caminham de cabeça baixa. Inseguras. Não conhecem a alegria

de viver. (CHIZIANE, 2021, p. 152).

Acostumada a viver na tristeza, ao conhecer Rami, ela encontra uma amiga que também sofre das mesmas dores e que acaba por lhe tirar dessa vida de solidão. Rami vai apoiar, oferecendo ajuda financeira para cada uma abrir seu próprio negócio. Julieta vai vender bebidas no varejo, montando um armazém e estas iniciativas não agradam a Tony. As mulheres sulistas quebram com as regras e costumes de apenas servir o homem, reproduzir e serem dedicadas ao marido.

4.2 MULHERES NORTISTAS: LUÍSA, SALY E MAUÁ SUALÉ

A segunda amante de Tony é Luísa, nortista, descrita como a mulher desejada, a qual possui dois filhos e recebe visitas do marido de Rami. Quando Rosa vai conhecer Lu, elas acabam brigando e indo parar na delegacia. Essa briga faz com que, no decorrer da história, elas sejam mais próximas, compartilhando os segredos e dores:

- Eu venho de longe, minha senhora, sou da Zambésia – conta-me ela – Venho de uma terra onde os homens novos emigram e não voltam mais. Na minha aldeia natal só há velhos e crianças. Tenho oito irmãos, cada um com o seu pai. A minha mãe nunca conseguiu um marido só para ela. Do meu pai apenas ouvi falar. Desde cedo aprendi que homem é pão, é hó stia, fogueira no meio de fêmeas morrendo de frio. Na minha aldeia, poligamia é o mesmo que partilhar recursos escassos, pois deixar outras mulheres sem cobertura é crime que nem Deus perdoa. (CHIZIANE, 2021, p. 49).

Paulina apresenta a cultura do Norte como sendo baseada nos ritos de iniciação, aprendendo atividades sexuais que vão conquistar um marido ou amante, e isso a difere do Sul, baseada mais no lobolo. Silva, Oliveira e Pereira (2018, p. 39) enfatizam que “Enquanto no norte as mulheres precisam passar pelo rito de iniciação para serem declaradas como tal, no sul basta saber as boas maneiras, cozinhar e bordar.” Este é um fator importante na vida das nortenhas, pois sem a iniciação, ela não poderá casar e nem participar de funeráis. Os autores descrevem também que “os ritos no norte são como uma instrução para o casamento. Na região sul, a cobrança maior recai sob o lobolo (dote)” (SILVA, OLIVEIRA E PEREIRA, 2018, p. 39). Luísa, como todas as outras mulheres nortistas, estava acostumada a viver numa relação poligâmica, com o compartilhamento do marido.

Lu, apesar de ser considerada uma mulher bela, fogaosa, ela guarda as suas

dores, a tristeza do seu passado. Ela viu no Tony um conforto, abrigo, mesmo que ele tenha outras mulheres e apenas a visite de vez em quando:

- Em pequena fui violada por soldados na mata. Não concebi, graças a Deus. Uns anos depois, a minha mãe entregou-me como esposa a um velho da zona, em troca de uma manta de algodão para cobrir os meus irmãos, na altura havia muito frio. O velho era bom, era para mim o pai que nunca tive. Mas as suas esposas velhas me maltratavam, e punham sobre os meus ombros todo o trabalho pesado: buscar água no rio, para uma família de dezassete pessoas, pilar o milho, procurar lenha nas savanas, produzir carvão. Fugi do velho, andei pelas matas, comi frutos do campo e fui dar à cidade da Beira. Vendi sexo nas esquinas aos catorze anos. Esbarrei com maus-tratos da sociedade, dos clientes, dos polícias que me meteram na cadeia vezes sem conta. Vim até à capital na boleia de um camião. Encontrei o Tony numa esquina da cidade. Fizemos um filho e outro filho. (CHIZIANE, 2021, p. 222 - 223).

Luísa, acostumada a viver uma relação compartilhada, encontra um novo homem, com o qual mantém uma relação escondida por algum tempo. No final da história, ela se sente realizada ao casar com ele.

A terceira amante de Tony é Saly, uma maconde do povo do norte, “és a usada nos momentos de pausa, és um petisco” (CHIZIANE, 2021, p. 92). Conforme a sua cultura nortista, Saly usa de magias do amor, poções para atrair e manter conquistado o homem, magias de sedução e tentação.

No Norte, para serem declaradas mulheres, elas precisam passar pelo rito de iniciação, diferentemente do Sul. Estes ritos seriam a instrução para o casamento. Saly se considera feliz por ter Tony, mesmo que ele não esteja muito presente em sua vida.

Como todas as outras mulheres, Saly também é submissa a Tony, se dedica a sua relação com ele, oferecendo todo seu amor, servindo de joelhos o alimento que seu homem lhe pede:

- Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha. Quando servirem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. (CHIZIANE, 2021, p. 109-110).

A quarta amante é Mauá Sualé, uma macuazinha, a caçula do grupo. Ela é a que recebe a maior atenção de Tony, por ser a mais nova, a última das mulheres. Mauá não pensa em trabalhar, pois, como ela é do Norte, foi preparada apenas para agradar o seu homem, aprendeu nos ritos de iniciação a arte de amar. Ela é a mais

alegre das mulheres:

– A nossa sociedade do norte é mais humana – explica a Mauá. – A mulher tem direito à felicidade e à vida. Vivemos com um homem enquanto nos faz feliz. Se estamos aqui, é porque a harmonia ainda existe. Se um dia o amor acabar, partimos à busca de outros mundos, com a mesma liberdade dos homens. (CHIZIANE, 2021, p. 152).

As mulheres do Norte, como Mauá, são cuidadas, belas, por isso conquistam os homens do Sul. Ela como todas as outras mulheres aprende um ofício e garante o seu sustento, apesar de ser nova e não saber trabalhar, ela consegue mudar sua vida.

5 PATRIARCALISMO E POLIGAMIA: TONY

A narrativa de *Niketché* descreve a realidade poligâmica e da sociedade patriarcal, demonstrando os dilemas existentes quanto a essas questões. A mulher moçambicana vive neste meio social, oprimida por valores patriarcais que são oriundos da cultura cristã. Para Sousa (2018, p. 221), em razão dessas tradições sexistas, a relação homem e mulher é descrita como “os homens foram feitos para controlar e as mulheres para trabalhar”.

Concomitante a isso, o patriarcalismo repousa sobre a subordinação das mulheres, fazendo com que o homem seja o chefe de família. Esta dominação masculina é que vai marcar a relação de desigualdade entre os homens e as mulheres. A cultura africana além de ser marcada pelo patriarcalismo em certas áreas, é marcada pelo sistema poligâmico, no qual um homem pode ter várias mulheres.

Chiziane aborda em sua obra vários aspectos marcantes da cultura patriarcal e poligâmica, o que leva o leitor a refletir sobre o lugar que Rami possuía na sociedade:

- Cada tempo a sua história – diz ela – A prosperidade mede-se pelo número de propriedades. A viribilidade pelo número de mulheres e filhos. Um grande patriarca deve ter várias cabeças sob o seu comando. Quando se tem poder é preciso ter onde exercê-lo, não é assim? Abraão, Isac, Jacob, foram polígamos, não foram? Os nossos reis antigos também o foram e ainda são. Que mal é que há? Na Bíblia, só Adão não foi polígamo. Em nossa casa as damas produzem filhos e davam ao reino a imagem de prosperidade. Se o rei tivesse dificuldades, recorria-se aos assistentes conjugais e reprodutores, recrutados entre os homens belos, robustos, inteligentes, do reino. Um rei tem que mostrar a imagem de viribilidade, homem sobre todos os homens. (CHIZIANE, 2021, p. 64-65).

Esta relação de patriarcalismo e poligâmia é antiga e ainda está presente nas sociedades atuais, sendo mais marcante em algumas culturas. Carvalho (2021, p. 147) descreve que “na sociedade patriarcal, a função principal que as mulheres terão na família é relacionada ao trabalho e à maternidade”. Ele também destaca que, nas sociedades poligâmicas, a mulher deve ser fiel ao seu marido, sem traições.

Em *Niketché*, o patriarca é Tony, um policial, que, além de sua esposa Rami, possui mais quatro amantes. Ele é do sul de Moçambique, de origem machangana e tem cinquenta anos de idade. Vivendo suas relações poligâmicas, Tony não dá valor as suas cinco mulheres, nem amor e atenção aos seus dezesseis filhos, que crescem abandonados pelo pai, buscando apenas novas mulheres e prazeres. Mesmo assim,

ele é visto na sociedade como um homem honrado, de classe.

Apesar de viver uma relação amorosa poligâmica, Tony não assumia sua condição, até ser desmascarado por sua esposa, a qual sofria diariamente pela sua vida de solidão e, mais ainda, ao ter que conviver com todas as amantes de Tony:

Poligamia é um exército de crianças, muitos meios-irmãos crescendo felizes, inocentes, futuros reprodutores dos ideais de poligamia. Embora não aceite, a minha realidade é esta. Já vivo na poligamia. Poligamia é ser mulher e sofrer até reproduzir o ciclo da violência. Envelhecer e ser sogra, maltratar as noras, esconder na casa materna as amantes e os filhos bastardos dos filhos polígamos, para vingar-se de todos os maus-tratos que sofreu com a sua própria sogra. (CHIZIANE, 2021, p. 81).

Quando há conflitos matrimoniais, Tony sempre recorreu a sua família, se mostrando um homem fraco, que precisava do apoio de seus pais, que ficaram do seu lado apoiando as suas relações poligâmicas, em razão dos costumes e da cultura em que estão inseridos. Ao perder todas as suas mulheres no final da história, Tony se sente arrasado, sem ego, as mulheres pisaram em cima de todo o mal que ele já havia feito para elas. Com este final, é perceptível que mudanças podem ocorrer em certos costumes da sociedade moçambicana, que estão impregnados há anos nessa cultura e que não apoiam a igualdade entre gêneros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a leitura e análise do livro *Niketche: uma história de poligamia*, apresentou a realidade de várias mulheres de Moçambique. Ao abordar sobre as regiões moçambicanas, é possível conhecer um pouco as diferenças entre as culturas de uma população, em que a mulher é vista como subalterna ao homem em todas as situações.

A obra de Paulina Chiziane retrata a vivência de mulheres que sofreram violências, abusos, abandonos pelos seus maridos e são vistas como inferiores a eles, a quem devem toda a sua dedicação e serviços. O livro, ao relatar a realidade destas mulheres, demonstra como as tradições e costumes de certas regiões interferem nessa vivência entre as pessoas de diferentes gêneros.

Este romance é importante ao apresentar a força e a luta delas, que, cansadas de serem silenciadas e violentadas, ganham voz e conquistam seu espaço na sociedade. A relevância se reflete na questão de abordar que a mulher pode fazer o que quiser, ter seu próprio negócio, ser dona de si, viver sem ser submissa ao seu marido. Em *Niketche*, Rami descreve todo o seu caminhar sofrido e as mudanças que conquistou no decorrer de toda história, como se juntar as suas “rivais” e ajudar todas a mudarem de vida.

Pensar na escrita de Chiziane é pensar nas conquistas de muitas mulheres, sendo o resultado de muita luta e perseverança. A história de Rami é mais do que a denúncia da poligamia e do patriarcalismo, é sobre a independência da mulher numa sociedade machista, marcada pela permissividade a um sistema poligâmico, visto que há tradições que não permitem criar um espaço de liberdade a elas.

Portanto, é fundamental observar o empoderamento das mulheres, a vocalização, a representatividade feminina, por meio da apresentação das personagens, descritas no decorrer da narrativa, analisando suas características, suas vivências e suas lutas. O presente estudo expôs diversas reflexões sobre como é a condição das mulheres e a vida em comunidade, pensando em diferentes regiões e culturas.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Edna de Paula. **A Trajetória da Mulher Moçambicana na Obra Niketche: Mulheres Sulistas e Nortistas**. Orientador: Profa. Dra. Susan Aparecida de Oliveira. 37 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/195017/TCC%20corre%C3%A7%C3%A3o%2030.12.18%20corrigido.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: Uma história de poligamia**. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

FARIAS, Rodolfo Moraes; PINHEIRO, Vanessa Riambau. **Poligamia Adulterada: Violência Simbólica e Tragédia Afetiva em Niketche, de Paulina Chiziane**. Letras & Letras, Uberlândia, Vol. 36, Nº 2, p. 285-302, ano 2020. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/50342/30915>>. Acesso em: 05 janeiro de 2022.

GANDIN, Hellen Botton; BERTOLOTTI, Elisângela; PORTO, Ana Paula Teixeira. **Cultura e Posicionamento Político: A Narrativa Niketche, de Paulina Chiziane, e o Papel Reflexivo da Obra**. Revista Língua & Literatura, Frederico Westphalen, Vol. 23, Nº 41, p. 49-66, ano 2021. Disponível em: <<http://ocs.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/viewFile/4026/3147>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

MATTIA, Marie Claire de. **Eu, Mulher: A Visão de Paulina Chiziane de um Mundo para Mulheres**. Mulemba, Rio de Janeiro: UFRJ, V. 12, Nº 22, p. 164-182, ano 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/39823/21656>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2022.

MENDES, Algemira de Macedo; SANTOS, Áurea Regina do Nascimento. **Paulina chiziane: uma escrita de gênero e de representação de dilemas culturais**. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Nº 41, ano 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25389>>. Acesso em: 28 de junho de 2022.

MIRANDA, Maria Geralda de. **A África e o feminino em Paulina Chiziane**. *Mulemba*, Rio de Janeiro: UFRJ, V. 1, Nº 2, p. 62-70, ano 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4687/16394>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

OYÈRÓNKÉ, Oyěwùmí. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. **As conquistas do**

movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres.
In: Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina, ano 2010. Disponível em:
<<http://www.mulheresprogressistas.org/AudioVideo/As%20conquistas%20do%20movimento%20feminista.pdf>>. Acesso em 04 de julho de 2022.

ROSÁRIO, Lourenço do. **Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura.** Belo Horizonte: Nadyala, 2010.

SANTOS, Áurea Regina do Nascimento. **O Empoderamento de Vozes Femininas nas Narrativas de Paulina Chiziane.** Orientador: Dra. Algemira de Macedo Mendes. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ, Teresina, 2016. Disponível em:
<<http://sistemas2.uespi.br:8080/bitstream/tede/62/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Completa>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

SANTOS, Áurea Regina do Nascimento; MENDES, Algemira de Macedo. **Configurações de gênero na narrativa de paulina chiziane: o empoderamento de vozes femininas.** Palimpsesto, Nº 22, p. 51-68, ano 2016. Disponível em:
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/34994>>. Acesso em 28 de junho de 2022.

SANTOS, James Rios de Oliveira. **A Mulher sob o Jugo do Homem: Aspectos da Opressão Patriarcal no Romance Niketche: Uma História de Poligamia, de Paulina Chiziane.** Revista eletrônica Falas breves, V. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó, Breves, 2017. Disponível em:
<<https://www.falasbreves.ufpa.br/index.php/revista-falas-breves/article/view/85/73>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

SILVA, Juliane Amaro; OLIVEIRA, Genilson da Silva; PEREIRA, Patrícia Guimarães. **Na Dança de Niketche: Representações da Mulher na Ficção de Paulina Chiziane.** In: Anais do II Congresso Internacional Línguas Culturas e Literaturas em Diálogo: Identidades Silenciadas, 2.; 2018, Brasília. Anais. Brasília: Editora IFB, 2018. p. 33-52. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Omar-Ouro-Salim/publication/332648786_A_CULTURA_AFRICANA_CASO_DA_REPUBLICA_DO_TOGO/links/5d2eedf4458515c11c36fd89/A-CULTURA-AFRICANA-CASO-DA-REPUBLICA-DO-TOGO.pdf>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

SOUSA, Sérgio Guimarães de. **Sob o signo da morte: poligamia e subalternidade feminina em Niketche, de Paulina Chiziane.** E-letras com vida, Portugal, Nº 1, p. 219-231, ano 2018. Disponível em:
<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/57689/1/Artigo%20sobre%20Niketche%20e%20%80%93%20E-Letras%20Com%20Vida.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2022.